

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA

ROSINETE DE LIMA CARDOSO

**DIFICULDADES NO PROCESSO DA LEITURA E ESCRITA DOS DISCENTES DO
1º ANO DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA ESMERINA BOA-HABIB NO
MUNICÍPIO DE ABAETETUBA-PA**

ABAETETUBA

2013

ROSINETE DE LIMA CARDOSO

**DIFICULDADES NO PROCESSO DA LEITURA E ESCRITA DOS DISCENTES DO
1º ANO DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA ESMERINA BOA-HABIB NO
MUNICÍPIO DE ABAETETUBA-PA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Graduação em Letras, Parfor Letras Língua Portuguesa, Faculdade de Ciências da linguagem, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, como requisito parcial a obtenção do título de Licenciado Pleno em Letras.

Orientadora: Alessandro Galvão.

ABAETETUBA

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

C268d Cardoso, Rosinete de Lima
 Dificuldades no processo da leitura e escrita dos
 discentes do 1º ano do ensino médio da escola Esmerina
 Boa-Habib no município de Abaetetuba-PA / Rosinete de
 Lima Cardoso. — 2013.
 33 f. : il.

 Orientador(a): Prof. Dr. Alessandro Nobre Galvao
 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de
 Língua Portuguesa, Campus Universitário de Abaetetuba,
 Universidade Federal do Pará, Abaetetuba, 2013.

 1. Leitura. 2. Escrita. 3. Dificuldade de aprendizagem.
 I. Título.

CDD 370

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus e a todos as pessoas que me incentivaram ao longo desses últimos anos para que este trabalho pudesse se concretizar. Agradeço, também, aos meus filhos, familiares e amigos pelo apoio que me foi dado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela sabedoria e iluminação para que este trabalho pudesse ser realizado.

Aos meus pais Vitor e Maria do Carmo, que sempre me dedicaram muito amor, carinho e compreensão.

Aos meus filhos que são minha razão de viver.

Aos meus irmãos, amigos e colegas de classe, por todo companheirismo.

“O objeto literário é um estranho pião, que só existe em movimento. Para o fazer aparecer, é preciso um ato concreto, que se chama leitura, e ele dura o tempo que

esta leitura durar. Fora disso só existem traços pretos sobre o papel”(SATRE).

RESUMO

Este trabalho foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Esmerina Boa-Habib, com os alunos do 1º ano do ensino médio, com o objetivo de evidenciar um dos problemas que mais afeta os alunos na idade acadêmica: Dificuldades no processo da leitura e escrita dos discentes do 1º ano do ensino médio da Escola Esmerina Boa-Habib no município de Abaetetuba-PA. Pode-se acrescentar, ainda, que apesar de muitos alunos passarem para séries posteriores estes ainda muitas vezes não sabem se expor através da oralização da leitura de textos escritos, apresentando um insuficiente desenvolvimento diante de seminários, entrevistas, debates, apresentações teatrais, entre outros. No decorrer da execução deste trabalho pode-se observar que outros fatores também influenciam para esta realidade, dentre eles está o descaso de algumas famílias em incentivar a leitura de seus filhos. Além disso, a escola que também deveria dar suporte aos docentes, deixa muito a desejar, esquecendo-se do compromisso perante a essa problemática no ensino-aprendizagem. Contudo, há aqueles que buscam novas práticas pedagógicas e, conseqüentemente, conseguem atingir um resultado favorável perante seus alunos.

Palavras-chave: leitura. Escrita. Dificuldade de aprendizagem.

SUMÁRIO

1. Introdução	09
2. Metodologia.....	11
2.1- Objetivos.....	11
2.1.1-Objetivo Geral.....	11
2.1.2- Objetivo Específico.....	11
2.3- Da Definição Do <i>Corpus</i>	11
3.- Referencial Teórico.....	13
3.1-O processo de Leitura.....	13
3.2- A importância da leitura.....	14
3.3- A função social da leitura.....	16
4. Intervenção da Família e Escola.....	18
4.1- O papel da Família no ensino da leitura.....	18
4.2- O papel da escola no ensino da leitura.....	18
5. O desenvolvimento da linguagem oral.....	21
6. A dificuldade de Aprendizagem	22
7. A dificuldade na aquisição da leitura e da escrita.....	23
8. Análise de Dados.....	25
9. Discussão.....	29
Conclusão.....	30
Referências.....	31

1. INTRODUÇÃO

A habilidade de ler e compreender textos é uma condição sem a qual uma pessoa encontrará sérias dificuldades para enfrentar os desafios na sociedade tal como está organizada neste início de século XXI. As diversas formas de interação social exigem que um indivíduo possua a capacidade de ler para conseguir se inserir na maioria das situações sociais.

A leitura, a escrita, a fala e a escuta são as quatro habilidades da linguagem verbal, onde a leitura e a escrita são as mais complexas. Devido a essa complexidade não é à toa que encontramos muitos casos de alunos terminando o ensino fundamental e que ainda não conseguem ler e escrever com eficácia.

O presente trabalho tem como intuito demonstrar as dificuldades dos discentes no processo da leitura e escrita. Vale salientar que a prática pedagógica é fator preponderante na aquisição dessas habilidades e às dificuldades advindas desse processo, pois os mecanismos adotados pelos docentes durante a intervenção psicopedagógica propiciará a esses um avanço qualitativo no desenvolvimento cognitivo, social, cultural e até mesmo em seu relacionamento intrapessoal e interpessoal. Quando a Unidade Escolar não propicia um atendimento personalizado e específico, o aluno deixa de vivenciar situações de construção da identidade e a própria escola perde a oportunidade de participar com qualidade da construção dessas aprendizagens.

Quando encontramos na prática alunos que ainda não sabem ler nem escrever mesmo com idade dita adequada para a leitura, e quando todos os esforços foram usados para que eles cheguem à aquisição da leitura e escrita, e mesmo assim eles não alcançam os objetivos dentro de uma turma com a maioria de alunos ditos avançados, mediante a isso surgem os questionamentos. Porque ele não aprende? Qual procedimento deve ser colocado perante este desafio? Quais as causas reais do não aprendizado do sujeito? A resposta a esses questionamentos não vêm ligeiramente a não ser através de um árduo trabalho onde se desenvolva: pesquisa investigativa, identificação das causas, intervenção quando necessário e mediante as dificuldades no desenvolvimento da leitura e escrita da criança.

Se o Brasil é um país cujo status é de nação em desenvolvimento, apesar dos problemas que ainda tem por superar, é necessário que haja um investimento no sistema educacional não apenas financeiro, mas, sobretudo de conhecimento a respeito de como não apenas ensinar os alunos a decodificarem um texto, mas como mostrar a esses alunos a importância que a habilidade de ler e compreender textos trará para a sua vida em particular, e para a nação como um todo.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi a observação das dificuldades no processo da leitura e escrita dos discentes do 1º ano do ensino médio da Escola Esmerina Boa-Habib no município de Abaetetuba-PA e uma revisão da literatura sobre o tema proposto na base de dados scielo.

2.1- OBJETIVOS

2.1.1- OBJETIVO GERAL:

Analisar as dificuldade no processo da leitura e escrita dos discentes do 1º ano do ensino médio da Escola Esmerina Boa-Habib no município de Abaetetuba-PA.

2.1.2- OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- 1- Identificar os desvios mais freqüentes no processo da leitura e escrita dos discentes do 1º ano do ensino médio da Escola Esmerina Boa-Habib no município de Abaetetuba-PA.
- 2- Avaliar o papel da escola no processo de leitura e escrita.
- 3- Avaliar o papel família no processo de leitura e escrita.

2.2-DA DEFINIÇÃO DO CORPUS

Neste trabalho será analisado as dissertações produzidas pelos alunos do 1º ano do ensino médio da Escola Pública Esmerina Boa-Habib localizada no município de abaetetuba, uma vez que o processo de oralização de textos escritos, está presente em todos os níveis como: fundamental maior, ensino médio e universidade, visando desenvolver como uma atividade normal na

escola e com o intuito de contribuir para que os professores de língua portuguesa possam ter subsídios na oralização de textos escritos, como uma atividade normal na escola.

Justifica-se, assim, a elaboração deste trabalho pela existência de uma grande lacuna de aprendizagem por parte dos alunos e da impossibilidade de continuar a aprender pela falta de habilidade de ler, escrever e compreender textos da população brasileira.

3.- Referencial Teórico

3.1- O processo de Leitura

O processo de leitura envolve diversas habilidades cognitivas, dentre as quais podem-se citar a decodificação de palavras, aquisição de vocabulário, percepção, memória, bem como a compreensão das ideias do texto para a criação de modelos mentais e a compreensão do texto com base no contexto e no ponto de vista do leitor. (CUNHA et al)

Segundo Cunha et al (2012) a leitura envolve dois componentes básicos: o reconhecimento de palavras e as habilidades de compreensão leitora. Essas habilidades de compreensão textual envolvem a visão integrada do texto e a interpretação de sua estrutura, além de processos inferenciais e monitoramento da compreensão. Desta forma, fatores como eficiência na decodificação, domínio do vocabulário, capacidade de fazer inferências e fatores sociais, bem como a memória operacional, conduzem o leitor ao sentido da mensagem escrita.

Pode-se dizer que há uma relação entre automatismo (precisão e rapidez) no reconhecimento de palavras e compreensão de leitura, isto é, quanto mais rápida é a identificação de uma palavra, maior a capacidade da memória de trabalho consagrada às operações de análise sintática, de integração semântica dos constituintes da frase e de integração das frases na organização textual, as quais são processos importantes para a compreensão da leitura (MORAES, 1996).

Portanto, a compreensão da leitura está na dependência do reconhecimento automático das palavras. Vale ressaltar que o reconhecimento de uma palavra em um sistema de escrita alfabético pode ser explicado pelo processo da dupla rota, ou seja, a leitura pode ocorrer por meio de um processo que envolva mediação fonológica - rota fonológica, ou pelo processo visual direto - rota lexical.

A leitura pela rota fonológica depende da utilização do conhecimento das regras de conversão entre grafema e fonema para que a construção da pronúncia da palavra possa ser efetuada. É criado, portanto, um código

fonológico com o objetivo de este ser identificado pelo sistema de reconhecimento auditivo de palavras, liberando o significado da palavra. Já a leitura pela rota lexical depende do conhecimento prévio de uma palavra e da memorização no sistema de reconhecimento visual de palavras e da recuperação do significado e da pronúncia destas por meio de endereçamento direto ao léxico, sendo esta pronúncia obtida como um todo. Assim, palavras de diferentes níveis de regularidade alfabética podem ser lidas sem problemas.

Para uma leitura competente deve haver o reconhecimento da palavra de maneira rápida e acurada. Esta rapidez na identificação ocorre devido à formação do léxico mental, em que as palavras familiares e de alta frequência são reconhecidas visualmente, enquanto que a identificação de palavras novas e de baixa frequência depende de estratégias fonológicas, em que o leitor faz a associações das letras aos sons (Oliveira e Capelline, 2010).

A fala é uma atividade muito mais central de que a escrita no dia-a-dia da maioria das pessoas. Contudo, as instituições escolares lhe dão atenção quase inversa à sua centralidade na relação com a escrita. O crucial, neste caso, é que não se trata de uma contradição, mas de uma postura. Seríamos demasiados ingênuos se atribuíssemos essa atitude ao argumento de que a fala é tão praticada no dia-a-dia a ponto de já ser bem dominada e não precisar ser transformada em objeto de estudo em sala de aula.

3.2- A importância da leitura

A Leitura é fundamental para o conhecimento humano. Ela é umas das maneiras de interagirmos com os outros indivíduos, uma vez que precisamos estar inseridos no contexto social. A leitura oportuniza as pessoas à qualificação pessoal e profissional e, conseqüentemente, à inclusão no mundo moderno.

Um sujeito competente no domínio do uso da linguagem é capaz de compreender e produzir textos orais e escritos adequados às situações de comunicação em que atua; de posicionar-se criticamente diante do que lê ou ouve; de ler e escrever produzindo sentido, formulando respostas significativas em variadas situações. (MARCUSHI, 1996).

A maioria dos alunos que ingressam numa unidade de ensino apresentam dificuldades na aquisição dessa modalidade linguística, pois muitas vezes eles até conseguem ler, porém não entendem aquilo que estão lendo, como bem demonstra os PCNs:

É preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura. A principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação. Por conta desta concepção equivocada a escola vem produzindo grande quantidade de “leitores” capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler (PCNs, 2001, p 55).

Situações como as já citadas interferem diretamente no desempenho acadêmico do aluno, pois devido a sua dificuldade de interpretação, muitos alunos deixam a desejar nos exercícios passados em sala de aula, prejudicando-os até mesmo na hora das provas, momento este em que muitos alunos deixam de resolver questões por não entenderem o que foi solicitado no enunciado das questões. Desta forma, mostra-se necessário ensinar não por meio de práticas centradas na decodificação das palavras e sim oferecer diferentes oportunidades de formas de leitura, criando situações que despertem o interesse do aluno pelas atividades que envolvem a prática da leitura em sala de aula.

(...) é preciso “aprender a ler lendo”: de adquirir o conhecimento da correspondência fonográfica, de compreender a natureza e o funcionamento do sistema alfabético, dentro de uma prática ampla de leitura (PCNs, 2001 p 56).

O discente, ao dominar os signos linguísticos, terá condições de entender textos de diferentes gêneros, independente de sua forma. Deverão interpretá-los partindo do aparente e através das entrelinhas, pois dependendo do olhar, o seu entendimento pode ir muito além da imaginação e ultrapassar o superficial a fim de decifrar o que está oculto no texto lido. Portanto aguçar o interesse do discente pelos signos linguísticos é transformá-lo em leitores que lêem, interpretam, compreendem e se tornam capazes de reproduzir através da escrita e da oralidade, suas idéias sem dificuldades.

3.3- A função social da leitura

É de fundamental importância ressaltar a importância que o aprendizado da leitura tem nos dias atuais. As ações pedagógicas na sala de aula, por meio da descoberta da leitura de forma prazerosa e dinâmica é algo desafiador tanto para quem vai mediar esse processo como para quem deseja aprender a usar o mecanismo linguístico como provedor de formação social.

“O ato de ler é um processo abrangente e complexo; é um processo de compreensão, de entender o mundo a partir de uma característica particular do homem: sua capacidade de interação com o outro através das palavras, que por sua vez estão sempre submetidos a um contexto” (PEREIRA, 2007).

Segundo Freire (1996), a prática mediadora e criativa é um caminho favorável para que a escola se torne um lugar de formação para a vida.

Para Cagliari (1993) a medida que cada contexto educacional cria linguagem, a função social de leitura acelera a formação humana nos seus diferentes aspectos. De certo,

Efetivamente, pela linguagem nos expressamos, nos revelamos, mas selecionamos com o outro e com o mundo. Somos humanos pela linguagem. E através dela criamos, construímos a sociedade, fazemos histórias” (CUNHA, 2000).

A leitura deve ser entendida como um processo de compreensão ampla, envolvendo aspectos sensoriais, emocionais, intelectuais, psicológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos (PEREIRA, 2007). Nesse sentido, a leitura é precursora de informação que precisa ser conectada a fim de garantir a sua inclusão social de maneira significativa.

O hábito de ler não está presente no dia-a-dia de muitas pessoas, e para Cagliari (1993) “esse é um dos maiores entraves que a escola não consegue atender. Resolver esse problema não depende só dos professores, mas de um conjunto de ações articuladas”.

Desta forma, é fundamental introduzir recursos linguísticos em diferentes situações, visando assim ajudar os alunos a compreenderem que a leitura é usada no mundo como mecanismo de socialização e interação social. E que é inegável a função social da leitura e da escrita na vida de homens e mulheres

que buscam se socializar e conhecer a si mesmos. Por esse motivo, ensinar a ler e a escrever dentro de um contexto que tenha fontes de conhecimentos para além das palavras sistematizadas é algo promissor.

4. Intervenção da Família e Escola

4.1- O papel da Família no ensino da leitura

Segundo Kaloustian (1988), a família é o lugar indispensável para a garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como vêm se estruturando. É a família que propicia os aportes afetivos e, sobretudo materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes.

Gokhale (1980) acrescenta que a família não é somente o berço da cultura e a base da sociedade futura, mas é também o centro da vida social. A educação, bem sucedida da criança na família é que vai servir de apoio à sua criatividade e ao seu comportamento produtivo quando for adulto.

O dever da família com o processo da escolaridade e a importância da sua presença no contexto escolar é publicamente reconhecido na legislação nacional e nas diretrizes do Ministério da Educação aprovadas no decorrer dos anos 90, tais como: Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8069/90), nos artigos 4º e 55; Política Nacional de Educação Especial, que adota como umas de suas diretrizes gerais: adotar mecanismos que oportunizem a participação efetiva da família no desenvolvimento global do aluno.

Quando encontramos na prática alunos que ainda não sabem ler nem escrever mesmo com idade dita adequada para a leitura, e quando todos os esforços foram usados para que o eles cheguem à aquisição da leitura e escrita, e mesmo assim eles não alcançam os objetivos dentro de uma turma com a maioria de alunos ditos avançados, vêm em diante vários questionamentos. Aprender a ler e escrever é um desafio para as crianças, que se não forem estimulada podem não sentir prazer nesse processo.

4.2- O papel da escola no ensino da leitura

Ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acesso a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania.

O fragmento abaixo exemplifica o papel atribuído à escola para ensino da oralidade (PCNs, p.25):

(...) cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomado como mais apropriado para todas as situações. A aprendizagem de procedimentos apropriados de fala e de escuta, em contextos públicos, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la.

A leitura não começa a partir do momento que o aluno entra na escola, mas muito antes desse ingresso. Ou pelo menos esse primeiro contato com a leitura deveria partir de casa através do incentivo dos pais, os quais devem ser os primeiros responsáveis para despertar tal interesse. Todavia, não se pode deixar de reconhecer que é a instituição escolar a principal responsável pelo ensino e incentivo à leitura. A escola tem sob sua responsabilidade o trabalho de valorização da leitura de forma efetiva e sistematizada.

No entanto, essa instituição possui uma função bem mais sólida com a mensagem escrita ao passo que, não pode e nem deve se limitar a apenas transferir conteúdos informativos, mas contribuir para a formação da consciência crítica do educando. Nesse sentido, deve formar alunos praticantes da leitura e da escrita e não simplesmente sujeitos que estejam aptos a “decifrar” o sistema da escrita.

Com isso propiciará a formação de seres humanos críticos, capazes de ler as entrelinhas e de assumir uma posição própria, de tal maneira que os indivíduos não se tornem dependentes da letra do texto. Segundo Silva (2002) no diálogo educacional e existencial a mensagem escrita assume o papel de um horizonte cultural possível, tendo algo a dizer ou uma significativa a propor. Representa o ponto de partida a partir dele o professor e o aluno desenvolvem a reflexão para a conscientização.

No parágrafo citado acima, o autor enfatiza a importância da leitura no seu aspecto de formação do senso crítico. Vendo na leitura crítica uma condição para a educação libertadora, assim como uma opção para a verdadeira ação cultural que deve ser implementada nas escolas. Nesse sentido, ele situa-se no ato de ler, garantindo, dessa forma, o exercício de sua consciência sobre o material escrito, não se limitando apenas a reter ou memorizar, mas a compreender e criticar a mensagem com a qual está tendo contato.

A análise deste autor é de grande contribuição, já que de fato tão importante quanto ler é saber se posicionar diante do que se está lendo. Ele, ainda, deixa claro com essa colocação, o quanto a leitura precisa cumprir o seu papel, uma vez que somos vítimas de um sistema que cultiva a falta de leitura

ou que a promove de maneira trivial e que pouco acrescenta outras capacidades, senão a de simplesmente decodificar o material escrito.

Quando Antunes (2003) fala que “a leitura possibilita a experiência gratuita do prazer estético, que implica ler pelo simples gosto de ler”, reforça também a ideia de que a leitura se baseia no desejo e no prazer. Ele fala de uma leitura muito distante daquela que é praticada nas escolas. Uma leitura movida pelo prazer que propicia admiração, deleite com as ideias, com as mensagens criadas e com o sujeito descobrindo a beleza de dizer literariamente as coisas. E, sobretudo, a prática de uma leitura sem cobrança, sem a preocupação com prestações de contas posteriormente.

Antunes ainda enfoca que:

Reduzi-los a objeto de análise sintática, a pretexto para exercício de ortografia, por exemplo, é uma espécie de profanação, pois é esvaziá-los de sua função poética e ignorar a arte que se pretendeu com arranjo diferente de seus elementos linguísticos (ANTUNES, 2003).

A escola, no entanto, muitas vezes não cumpre seu papel no sentido de desenvolver um trabalho com a leitura baseado nos princípios mencionados acima. Pois não há, por exemplo, a preocupação em que as atividades de leitura sejam movidas pelo prazer, mas ao contrário, é deixada muito clara ao aluno a exigência de se fazer essa atividade unicamente para que se possa cumprir o que lhe será cobrado posteriormente, seja em trabalhos acadêmicos ou provas como requisito de conceito escolar.

5. O desenvolvimento da linguagem oral

A linguagem serve de veículo para a comunicação, ou seja, constitui um instrumento social usado em interações visando à comunicação. Desta forma, deve ser considerada mais como uma força dinâmica ou processo do que como um produto. Pode ser definida como um sistema convencional de símbolos arbitrários que são combinados de modo sistemático e orientado para armazenar e trocar informações.

Segundo Rescorla *apud* Schirmer *et al*(2004), muito antes de começar a falar, a criança está habilitada a usar o olhar, a expressão facial e o gesto para comunicar-se com os outros. Tem também capacidade para discriminar precocemente os sons da fala. A aprendizagem do código lingüístico se baseia no conhecimento adquirido em relação a objetos, ações, locais, propriedades, etc.

No desenvolvimento da linguagem, duas fases distintas podem ser reconhecidas: a pré-lingüística, em que são vocalizados apenas fonemas (sem palavras) e que persiste até aos 11-12 meses; e, logo a seguir, a fase lingüística, quando a criança começa a falar palavras isoladas com compreensão. Posteriormente, a criança progride na escalada de complexidade da expressão. Este processo é contínuo e ocorre de forma ordenada e seqüencial, com sobreposição considerável entre as diferentes etapas deste desenvolvimento (COSTA S *apud* SCHIRMER *et al*, 2004).

Para Charmeux (2003) a leitura, nos dias atuais, se tornou uma ferramenta indispensável à vida em sociedade, mesmo que não se leve em conta qualquer preocupação cultural.

6. A dificuldade de Aprendizagem

Segundo Lopes (2008),

As dificuldades de aprendizagem [...] podem ser explicadas pelas limitações dos sujeitos em processar ou utilizar, adequadamente, as informações que recebem do meio, mostrando-se como ‘incapazes’ de aprender, de compreender, de ler, escrever, calcular, de conservar, reunir, ordenar, classificar, abstrair, etc.

Atualmente a definição mais aceita sugerida por García (1998) vai ao encontro da proposta do National Joint Committee on Learning Disabilities (NJCLD):

Dificuldade de Aprendizagem (D.A.) é um termo geral que se refere a um grupo heterogêneo de transtornos que se manifestam por dificuldades significativas na aquisição e uso da escuta, fala leitura, escrita, raciocínio, ou habilidades matemáticas. Esses transtornos são intrínsecos ao indivíduo, supondo-se devido à disfunção do sistema nervoso central, e podem ocorrer ao longo do ciclo vital. Podem existir, junto com as dificuldades de aprendizagem, problema nas condutas de auto-regulação, percepção social e interação social, mas não constituem, por si próprias uma dificuldade de aprendizagem. Ainda que as dificuldades de aprendizagem possam ocorrer concomitantemente com outras condições incapacitantes (por exemplo, deficiência sensorial, retardamento mental, transtornos emocionais graves) ou com influências extrínsecas (tais como as diferenças culturais, instrução inapropriada ou ineficiente), não são resultados dessas condições ou influências (GARCÍA, 1998, p. 31-32, apud STEFANINI e CRUZ, 2006, p.89).

Uma dificuldade de aprendizagem não é vista como uma doença e sim como um obstáculo que pode estar dificultando este processo, em decorrência de fatores isolados ou em interação, podendo ser afetivos, perceptivos, imaturidade funcional do sistema nervoso, atrasos no desempenho escolar, etc. Por isso é muito importante que se “olhe” a criança holisticamente, ou seja, como um todo, para se poder chegar nas “partes” e identificar as verdadeiras causas desta dificuldade.

Segundo Schirmer *et al* (2004) ao se estudar alterações no processo de aprendizagem da linguagem oral, freqüentemente verifica-se a ocorrência de posteriores dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita. Da mesma forma, ao se investigar os fatores que antecedem as dificuldades de leitura e escrita, surgem questionamentos a respeito das dificuldades de aprendiza- do da linguagem.

7. A dificuldade na aquisição da leitura e da escrita

A leitura é um processo muito complexo e as dificuldades podem ocorrer de maneiras diversas. E se constitui em um dos caminhos mais conhecidos pela sociedade para se chegar a um conhecimento mais aprofundado. Mas essa via de acesso se torna difícil e, muitas vezes, dramática para uma pessoa, quando esta não adquiriu desde cedo o hábito de ler. A falta dessa prática é, na verdade, um fator que contribui para a deficiência no aprendizado do aluno.

As dificuldades de leitura implicam normalmente numa falha na compreensão do material escrito. O conhecimento é o básico dos processos já que o reconhecimento de uma palavra é prévio a sua compreensão. Também há de se considerar que uma decodificação pobre pode levar a uma incompreensão. É importante ressaltar que uma pessoa ao ler uma palavra corretamente, não implica que possa grafá-la com precisão. Pois uma coisa é ler, outra coisa é escrever, muito embora as duas atividades possam se desenvolver se integrando.

De acordo com Coelho (1991), as dificuldades de aprendizagem no processo de aquisição da leitura podem ser divididas em quatro categorias: dificuldade na leitura oral; dificuldades na leitura silenciosa; dificuldade na compreensão da leitura e a dislexia.

Dificuldade na leitura oral: as informações recebidas pelas crianças chegam ao cérebro de forma distorcida, devido à alteração da percepção visual e auditiva e por esse motivo elas trocam ou confundem as letras.

Dificuldade na leitura silenciosa: ocorre quando a criança tem uma distorção visual e apresenta lentidão e dispersão nas leituras, ficando perdida no meio do texto, repetindo a leitura de trechos que já haviam sendo lidos.

Dificuldade na compreensão da leitura: isso ocorre por que se faz necessário a ampliação do vocabulário e a habilidade reflexiva para que a criança consiga compreender o que o texto fala.

Dislexia: é a dificuldade de reconhecer e diferenciar os símbolos gráficos desde o início do processo de alfabetização. A dislexia é um distúrbio

específico de linguagem podendo ser considerado o distúrbio o mais comum da aprendizagem.

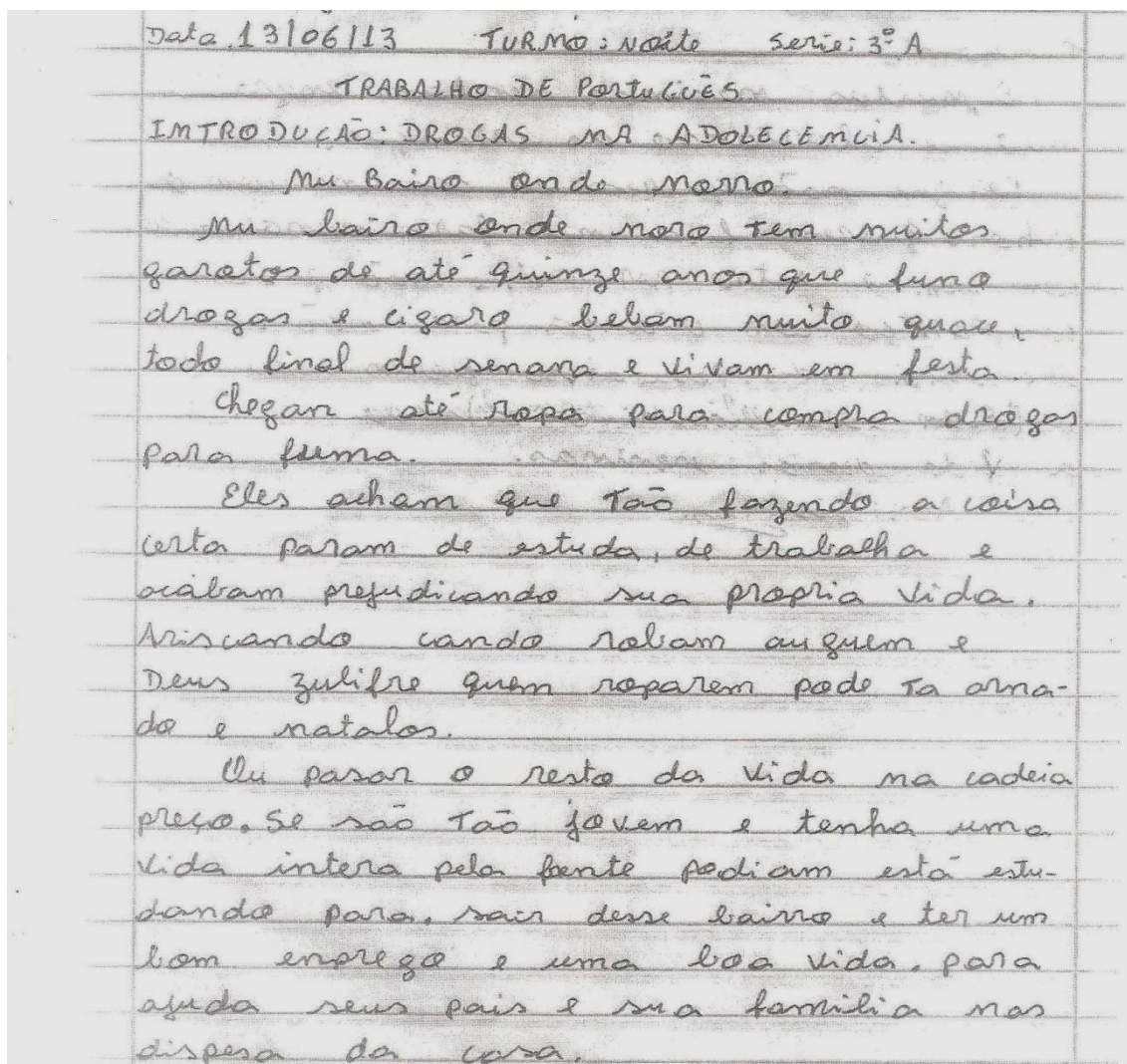
E as dificuldades de aprendizagem no processo de aquisição da escrita, de acordo Morais (2006), dividem-se basicamente em:

1. Disgrafia: A criança apresenta lentidão no traçado, letras ilegíveis e falta de habilidade motora para transpor através da escrita o que captou no plano visual ou mental, porém, ela não é portadora de defeito visual ou motor, nem apresenta qualquer comprometimento intelectual ou neurológico;
2. Disortografia: Devido à incapacidade para transcrever corretamente a linguagem oral, caracterizando-se pelas trocas ortográficas e confusões com as letras;
3. Erros de formulação e sintaxe: A criança apresenta grande dificuldade para elaborar sua própria escrita, apesar de ler fluentemente, prestar-se de oralidade perfeita, e copiar e compreender textos. Geralmente omite palavras, ordena confusamente as palavras, usa incorretamente verbos e pronomes e utiliza a pontuação de forma inadequada.

8. ANÁLISE DE DADOS

Os textos foram analisados através de tarefas como escrita espontânea de textos produzidos pelos alunos. Durante a análise de dados foi possível evidenciar nos textos dos alunos alterações como a disgrafia, ou seja, alterações no traçado das letras, disortografia, que se refere a alterações ortográficas na escrita das palavras não esperadas para determinada faixa etária e escolaridade, e erros de formulação e sintaxe que diz respeito à grande dificuldade para elaborar sua própria escrita, omitindo palavras, ordenando confusamente as palavras, usando incorretamente verbos e pronomes e utilizando a pontuação de forma inadequada.

IMAGEM 01

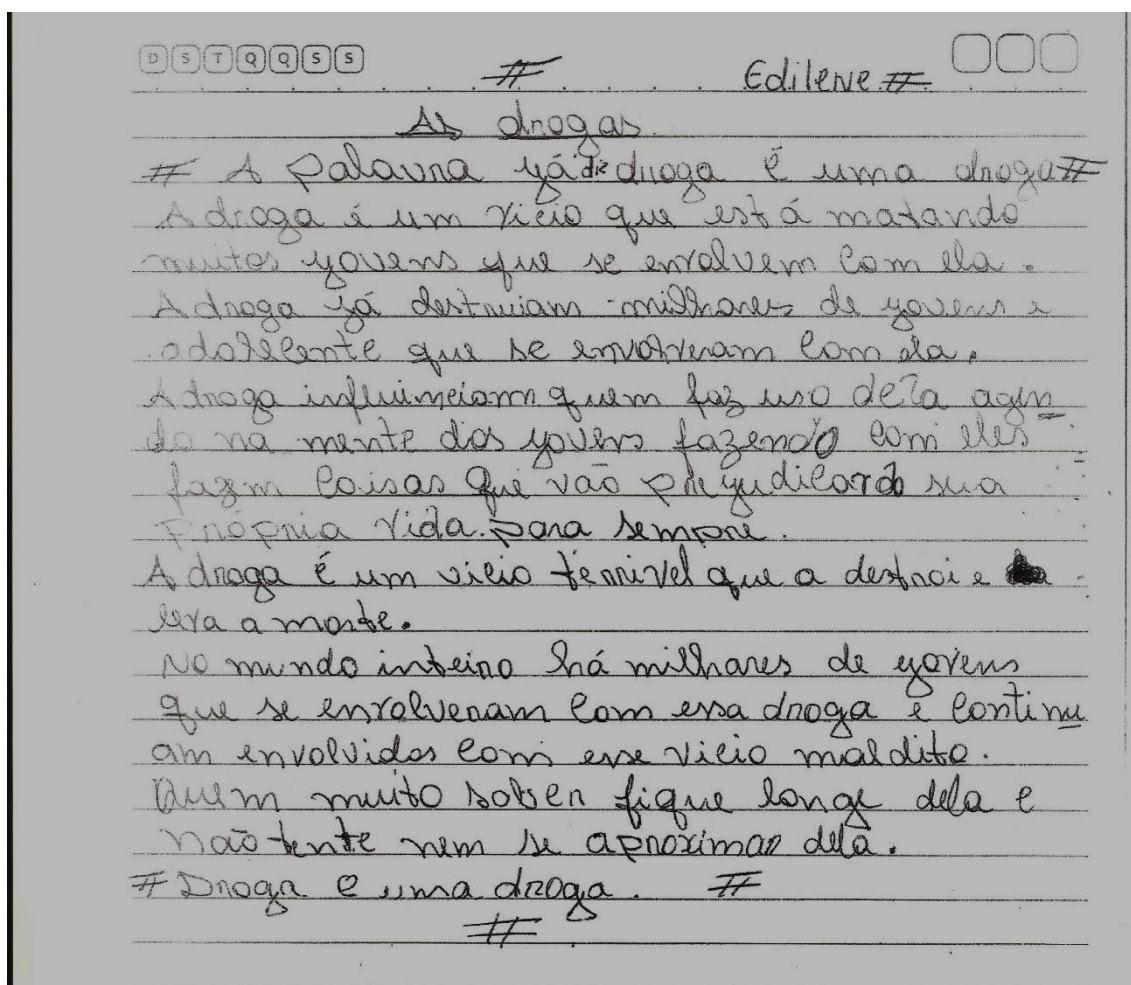


FONTE: Pesquisa de campo.

Neste trecho retirado de um texto produzido pelo Aluno J.V.S., sobre as drogas na adolescência pode ser observado os frequentes erros de ortografia, de pontuação e de acentuação. Pode-se perceber, também, que a forma como o texto está escrito corresponde à maneira que o aluno pronunciou as palavras, ou seja, havendo desta forma, alterações como a disgrafia, disortografia e erros de formulação e sintaxe.

Neste outro texto produzido pelo aluno E.S.V., também, pode ser observado alterações na escrita.

IMAGEM 02



FONTE: Pesquisa de campo.

No texto abaixo, ao contrário dos expostos acima, há poucos erros gramaticais, no entanto, ainda pode ser evidenciado erros de acentuação e vícios de linguagem como a palavra escrita no penúltimo parágrafo "Ai", a qual poderia ser substituída por uma conjunção consecutiva.

IMAGEM 03

Tema: Droga (Anabolizante)

A busca de corpos esculturados à base de remédio está levando jovens de aparência saudável a um vício muitas vezes sem volta. O motivo é o uso das chamadas esteróides anabolizantes. Apesar de não haver estatísticas, sabe-se que vem crescendo o número de contumeladores da droga. E não são apenas os atletas em busca de mais força, velocidade e resistência dos músculos os únicos a usá-la. Homens, jovens e mulheres que querem apenas ganhar massa corporal em pouco tempo também se deixam seduzir pelos efeitos da droga. O abuso desse medicamento não é novidade. O maior problema, atualmente é a, adesão às drogas nas academias convencionais. "Muitas vezes, é o próprio instrutor quem chega para o aluno e diz que seu desenvolvimento chegou ao limite. Ai vem a redução pelos anabolizantes".

"O uso de esteróides já tornou um caso de saúde pública. O governo tem que tomar providências".

FONTE: Pesquisa de campo.

As alterações na escrita e na leitura dos alunos alvo desse estudo, são frequentes e devido a série em que se encontram não deveriam estar com tamanha dificuldade. No entanto, isto é uma realidade, como pode ser observado nos textos expostos acima.

A principal indicação atual para o tratamento de alunos com dificuldades de linguagem escrita é a intervenção direta nas habilidades de leitura, associada a atividades relacionadas ao processamento fonológico da linguagem.

Vale dizer que a partir do momento em que o aluno passa a ser considerado como o principal agente de seu conhecimento, torna-se mais fácil a aquisição do mesmo. Assim, o educador precisa conhecer o seu aluno e valorizar as habilidades que ele possui criando oportunidades para que ele possa desenvolvê-las e potencializá-las, além de ativá-los constantemente em busca de mais conhecimento.

Segundo Shirmer (2004,) são princípios básicos do trabalho em linguagem escrita com a criança: estimular a descoberta e utilização da lógica de seu pensamento na construção de palavras e textos e na representação de fonemas; oferecer oportunidades para a escrita e leitura espontâneas; explorar constantemente as diversas funções da escrita (não apenas produção textual mas também cartas e bilhetes); e explicitar as diferenças entre língua falada e língua escrita, que são formas diferentes de expressão da linguagem.

9. DISCUSSÃO

A partir dos resultados obtidos através da pesquisa realizada e da revisão bibliográfica, percebe-se que a dificuldade de leitura e escrita é uma realidade mesmo em séries mais elevadas como o primeiro ano do ensino médio, desta forma, faz-se necessário adequar um planejamento que venha de acordo com as devidas necessidades do aluno.

Em conformidade com a pesquisa, a família tem um papel de suma importância para um bom desenvolvimento, seja cognitivo, social e cultural. Outro setor essencial para o processo de desenvolvimento das potencialidades é a sala de recurso que em parceria com o professor comum, poderão realizar de forma coletiva a análise dos alunos que apresentam dificuldade de ou na aprendizagem. Contudo, nas novas perspectivas educacionais, o ensino deve ser centrado nas devidas dificuldades do educando, pois é fator essencial para que a aprendizagem realmente se efetive bem como a qualificação de todo quadro de profissionais que estão direto ou indireto ligado ao contexto educacional.

Segundo Moraes (1986), a maturidade para se aprender a ler e escrever significa estar pronto para tal tarefa, e estar pronto abrange fatores fisiológicos, ambientais, emocionais e intelectuais e isto não ocorre ao mesmo tempo para todas as crianças, ou seja, a mesma idade cronológica não garante a maturidade geral.

[...] deve ficar claro que a aprendizagem da leitura e da escrita é um processo complexo que envolve vários sistemas e habilidades (lingüísticas, perceptuais, motoras, cognitivas) e, não se pode esperar, portanto, que um determinado fator seja o único responsável pela dificuldade para aprender (MORAES, 1986, p. 31).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O método que faz com que a criança passe horas e horas repetindo uma letra, ou uma sílaba, até chegar a memorização, não é leitura, pois a criança está simplesmente decifrando os códigos, sem ao menos saber o sentido das palavras e deste modo não aprendeu a ler, daí, o surgimento do analfabeto funcional.

Então há a necessidade que o professor reveja os seus métodos de ensino, levando o aluno a vivenciar cada situação para que ele possa aprender sem ser de forma mecânica, pois o papel do professor é estimular o aluno, fazendo uma mediação entre seus conhecimentos prévios, ajudando-o a encontrar a resposta correta. Trabalhar as palavras partindo de um texto, para que os alunos compreendam e assimilem melhor o que lhes é ensinado

Por isso, é importante que se tenha uma visão global do problema de aprendizagem para que haja uma melhor avaliação e compreensão dos vários fatores abrangentes. A partir da análise rigorosa por parte do professor e considerando que haja algum comprometimento no desenvolvimento psicomotor, cognitivo, linguístico, emocional ou de ordem familiar, é necessário também que se atente para as condições de aprendizagem que a escola oferece ao aluno e aos outros aspectos intra-escolares que auxiliam a não aprendizagem, pois, deve-se considerar que o fracasso do aluno pode ser também compreendido por culpa da escola, em não saber lidar com a diversidade de seus alunos.

Desta forma é importante que os pais, a escola e o aluno atuem juntos, objetivando, que se construa circunstâncias favoráveis para o desenvolvimento das habilidades escolares do aluno.

REFERÊNCIAS

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 2001.106p.

BRASIL, **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8069 de Julho de 1996.

DOLZ, J.,M NOVERRAZ, M., e SCHNEUWLY, B. '**Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento**'. In: DOLZ, J. e SCHNEUWLY, B. "Gêneros orais e escritos na escola". Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.

MINAYO, Maria Cecília de Souza(ORG.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

CUNHA, Vera Lúcia Orlandi; SILVA, Cláudia da and CAPELLINI, Simone Aparecida. **Correlação entre habilidades básicas de leitura e compreensão de leitura**. *Estud. psicol. (Campinas)* [online]. 2012, vol.29, suppl.1, pp. 799-807.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. **A leitura e seus poderes: um olhar sobre dois programas nacionais de incentivo à leitura**.*Educ. rev.* [online]. 2010, n.spe2, pp. 103-120. ISSN 0104-4060.

OLIVEIRA, Adriana Marques de and CAPELLINI, Simone Aparecida. **Desempenho de escolares na adaptação brasileira da avaliação dos processos de leitura**. *Pró-Fono R. Atual. Cient.* [online]. 2010, vol.22, n.4, pp. 555-560.

TANZAWA, Elaine Cristina Liviero and PULLIN, Elsa Maria Mendes Pessoa. **Leituras prescritas e práticas de leitura de estudo no ensino superior**. *Psicol. Esc. Educ.* [online]. 2012, vol.16, n.2, pp. 265-274. ISSN 1413-8557.

Morais, J. (1996). A arte de ler. São Paulo: Universidade Estadual Paulista.
MORAES, A MORAES, A. M. P. **Distúrbios da aprendizagem. Uma abordagem psicopedagógica.** 9. Ed. São Paulo: Edicon, 1986.

MENDONÇA, Edinalva Sidronêz de. **Estudo das dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita no Segundo ciclo do ensino fundamental no município de lagoa Salgada-RN.** Rio Grande do Norte. Disponível em:
<http://webserver.falnatal.com.br/revista_nova/a5_v1/artigo_2.pdf>. Acesso em: 12 de mai. 2012.

SCHIRMER, Carolina R *et al.* **Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem.** Jornal de Pediatria - Vol. 80, Nº2(supl), 2004.

KALOUSTIAN, S. M. (org) **Família Brasileira, a base de tudo.** São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNICEF, 1988.

GOKHALE, S. D. **A família desaparecerá?** In Revista Debates Sociais nº 30, ano XVI. Rio de Janeiro, CBSSIS, 1980.

Plano Nacional de Educação (aprovado pela lei nº 10172/2007).

LOPES, Adriana Oliveira. **Dificuldades de Aprendizagem na Alfabetização. 2008. 10f. Trabalho Monográfico.** Curso de Graduação em Pedagogia, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2008.

STEFANINI, Maria Cristina Bergonzoni. e CRUZ, Sônia Aparecida Belletti. **Dificuldade de Aprendizagem e suas causas: o olha do professor de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental.** Revista Educação PUCRS, Porto Alegre, ano XXIX, n. 1 (58), p. 85-105. Jan./Abr. 2006.